

Homilia do Prelado na Ordenação Sacerdotal

Trinta e oito fieis do Opus Dei receberam a ordenação sacerdotal em Roma. O Prelado recordou-lhes que serão instrumentos do Espírito Santo “para iluminar as almas e dar resposta às perguntas que tão frequentemente perturbam os corações de tantas pessoas”.

04/06/2007

Link: Galeria de fotografias das ordenações **Link: Testemunhos dos novos sacerdotes**

Cerca de 1500 pessoas acompanharam os 38 novos sacerdotes durante a cerimónia de ordenação que teve lugar na basílica de Santo Eugénio (Roma). Para conhecer melhor alguns dos novos sacerdotes ordenados, pode-se ler um **artigo com os seus testemunhos**. Para ver imagens da cerimónio, visite a **galeria de fotos**. Está ainda disponível um **vídeo breve com um resumo da cerimónia**.

Na homilia, D. Javier Echevarría animou os presentes a “*procurar o Santo Espírito no fundo da nossa alma*”. Assim, pela festa do Pentecostes, convidou os novos ordenados e todos aqueles que os acompanhavam “*a conversar com Ele, a dirigir-nos a Ele nas situações*

mais diversas. A nossa vida corrente adquirirá então altura e profundidade, relevo sobrenatural.”

PALAVRAS DO PRELADO

Queridos irmãos e irmãs.

Queridíssimos diáconos.

1. Estais a preparar-vos desde há muitos meses para este dia em que Nosso Senhor Jesus Cristo, por meio da imposição das minhas mãos e da oração consagratória, vos constituirá sacerdotes da Nova Aliança. Muitas pessoas no mundo inteiro – as vossas famílias, os vossos amigos, todos os vossos irmãos e irmãs no Opus Dei – rezaram e rezam por cada um de vós.

A nossa oração foi ainda mais intensa nestes últimos dias, enquanto nos preparávamos para o Pentecostes. Procurámos imitar os Apóstolos de Jesus, que, depois da Ascensão do seu Mestre ao Céu, se

reuniram no Cenáculo de Jerusalém para permanecer *unanimemente em oração, juntamente com algumas mulheres e com Maria, mãe de Jesus, e com os seus irmãos*[1].

Por fim chegou o grande dia. Esta Basílica de S. Eugénio é hoje, para nós, aquela *sala do andar de cima* onde a Virgem, os Apóstolos e as santas mulheres esperavam a chegada do Espírito Santo. Maria, Mãe de Jesus e Mãe nossa, ensina-nos a rezar, mostra-nos – como dizia o Papa na sua recente viagem ao Brasil – “o modo como abrir nossas mentes e os nossos corações ao poder do Espírito Santo, que vem para ser transmitido ao mundo inteiro” [2].

Uma vez mais, escondido pelos sinais litúrgicos, o Paráclito descera sobre a Igreja e sobre cada um de nós.

Derramar-se-á muito especialmente sobre estes diáconos, transformando-os em sacerdotes de Jesus Cristo:

sacerdotes para sempre. Recolhamo-nos, pois, e meditemos na presença e acção do Paráclito na Igreja e nas almas: é o *Dominus tecum!*, que recordamos na Avé Maria.

2. As leituras bíblicas da Missa falam-nos da universalidade da acção santificadora de Deus Espírito Santo. *Assim diz o Senhor: vou derramar o Meu Espírito sobre toda a criatura (...). E sucederá que todo o que invocar o Nome do Senhor será salvo* [3] . E São Paulo, na epístola aos Romanos, ensina que todos nós, ainda que já tenhamos recebido as primícias do Espírito, *gememos dentro de nós mesmos, à espera da filiação adoptiva, da libertação do nosso corpo* [4]; isto é, a plena manifestação da acção santificadora de Deus.

Mas, quem é o Espírito Santo? Como actua? Como nos podemos preparar melhor para recebê-Lo? Estas

perguntas encontram uma resposta clara na doutrina cristã. O Espírito Santo, com efeito, “é uma das Pessoas da Santíssima Trindade, consubstancial ao Pai e ao Filho, "e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado" (...). O Espírito Santo coopera com o Pai e o Filho do início até à consumação do projecto da nossa salvação” [5]. É o Amor infinito do Pai e do Filho, o Dom eterno que se entregam um ao outro, o Laço de união da Santíssima Trindade.

Quando pensamos em Deus, é mais ou menos fácil dirigirmo-nos ao Pai e ao Filho, que se nos mostram como mais acessíveis na nossa experiência de paternidade e filiação na terra. Além disso, nos Evangelhos, temos muitas recordações da vida terrena do Filho. Do Espírito Santo, pelo contrário, é mais difícil fazer uma ideia, mas é uma necessidade para nós. São Josemaría advertia que “a acção do Espírito Santo pode passar-

nos despercebida, porque Deus não nos dá a conhecer os seus planos e porque o pecado do homem turva e obscurece os dons divinos. Mas a Fé recorda-nos que o Senhor age constantemente: Ele é que nos criou e nos conserva no ser; Ele, com a Sua graça, conduz a criação inteira para a liberdade da glória dos filhos de Deus (cfr. *Rom* 8, 21)” [6].

Na realidade, o Paráclito é pouco conhecido inclusivamente entre os cristãos, porque falta o desejo de tratá-Lo e de difundir o seu grande amor por nós. Por este motivo, o Fundador do Opus Dei o chamava *O Grande Desconhecido*. E não teria que ser assim. O nosso Pai Deus foi tão bom que, não satisfeito com entregar-nos o seu Filho (Jesus, o Verbo encarnado), nos deu também o Espírito Santo. Deste modo, o único Deus, Uno e Trino, inabita nas nossas almas desde o Baptismo mediante a graça santificante, e faz que

possamos chamar e ser, de verdade, filhos de Deus. Queridos irmãos e irmãs, decidamo-nos a procurar o Santo Espírito no fundo da nossa alma, a conversar com Ele, a dirigir-nos a Ele nas situações mais diversas. A nossa vida corrente adquirirá então altura e profundidade, relevo sobrenatural.

3. A liturgia da Igreja é rica em símbolos que aludem ao Paráclito; podem servir-nos de ajuda na nossa meditação sobre o Espírito Santo e a sua acção na alma. A sequência *Veni, Sante Spiritus* que se reza hoje e amanhã na Missa, e o hino *Veni, Creator Spiritus* que se cantará durante a ordenação, estão repletos destes símbolos. Deter-me-ei brevemente nalguns deles.

Logo na sua primeira estrofe, a Sequência fala do Espírito Santo como *luz* da alma, quando pede que nos envie desde o Céu *um raio da sua*

luz; e depois quando nos convida a invocar: *Ó luz beatíssima, enche no mais íntimo o coração dos teus fiéis*. A luz contrapõe-se às trevas. É condição de vida: um mundo sem luz será um mundo morto. O Espírito dissipa as trevas do pecado, recorda-nos os ensinamentos de Cristo e ajuda-nos a aprofundar neles, mostra-nos a formosura do nosso Pai Deus, faz-nos aspirar aos bens do Céu. Como ensina o Catecismo da Igreja Católica “o Espírito Santo, por sua graça, é o “primeiro” no despertar da nossa fé e na vida nova que é “conhecer o Pai e aquele que Ele enviou, Jesus Cristo” [7].

A vós, meus filhos diáconos, o Paráclito vos dará, com o sacerdócio, a capacidade de ensinar com autoridade as verdades da fé e da moral cristã. Sereis seus instrumentos para iluminar as almas e dar resposta às perguntas que tão frequentemente perturbam os

corações de tantas pessoas: o sentido do sofrimento, da vida e da morte; o imenso amor do nosso Pai por todas as suas criaturas; os deveres de justiça e caridade – que são inseparáveis – para com todas as pessoas... Tende presente o ensinamento de São Josemaría: “Os sacerdotes só devemos falar de Deus. Não falaremos de política, nem de sociologia, nem de assuntos que sejam alheios à tarefa sacerdotal. E assim levaremos a amar à Santa Igreja e ao Romano Pontífice” [8].

O Espírito Santo é comparado também com a *água*. Ouvimos isto no Evangelho. No último dia da festa dos Tabernáculos, o mais solene, *Jesus em pé, e em voz alta dizia: se alguém tem sede, venha a Mim e beba. Quem acredita em Mim, como diz a Escritura, do seu seio correrão rios de água viva. Ora Ele dizia isto falando do Espírito que haviam de receber os*

que cressem n'Ele, comenta São João [9].

No sacramento da Penitência, meus filhos, podereis lavar as manchas das almas, perdoar-lhes os pecados em nome e com a autoridade de Jesus Cristo, graças à misericórdia de Deus Pai e à potência do Espírito Santo. Agradecei ao Senhor – dêmos todos graças – por este dom admirável que pôs nas nossas pobres mãos, e procurai que dê muito fruto. Seguindo o exemplo e os conselhos de São Josemaría, dedikai muitas horas ao ministério da Confissão. Não é tempo perdido; pelo contrário, é um tempo muito valioso, porque não há “negócio” maior que salvar almas, viver na graça de Deus.

Enquanto Amor, o Espírito Santo é comparado com o *fogo* que aquece os corações e os inflama no amor a Deus e aos irmãos. Deste modo desceu sobre a Igreja no dia do

Pentecostes. Infunde em nós este amor, sobretudo, dando-nos Jesus na Comunhão eucarística. O mesmo Espírito que, descendo no seio puríssimo de Maria, fez possível a encarnação do Verbo, agora faz que se dê a transubstanciação do pão e o vinho no corpo e sangue de Cristo.

Queridos diáconos. Quando hoje descer sobre vós o Paráclito, imprimirá nas vossas almas o carácter sacerdotal, sinal indelével que vos conformará com Cristo Sumo e Eterno Sacerdote e vos conferirá todos os poderes que o Senhor concedeu aos seus ministros; entre outros, o mais maravilhoso e fundamental para a vida da Igreja: a possibilidade de actuar *in persona Christi Capitis*, de fazer as vezes de Cristo no Sacrifício eucarístico. Com São Josemaría, convido-vos a todos a considerar “até que ponto será extraordinariamente importante e abundantíssima a acção do Divino

Paráclito enquanto o sacerdote renova o sacrifício do Calvário, quando celebra a Santa Missa nos nossos altares” [10]. Quantas graças devemos agradecer a Deus Espírito Santo, por este dom de amor que é a Sagrada Eucaristia!

Para terminar, queria recordar outro sinal com que a Sagrada Eucaristia nos fala do Espírito Santo: o *vento*. São Lucas descreve-o ao começo dos Actos dos Apóstolos, quando conta que *quando se completaram os dias do Pentecostes (...), de repente, veio do céu um estrondo, como o de vento que sopra impetuoso, que encheu toda a casa onde estavam* [11]. Os efeitos desta irrupção notaram-se em seguida: Pedro e os demais Apóstolos, após expulsar todos os temores, lançaram-se a anunciar publicamente a Ressurreição de Jesus com grande valentia, e atraíram à Igreja um grande número de pessoas.

Não deveríamos esquecê-lo nunca: ainda que as dificuldades na nossa vida pessoal ou no apostolado sejam às vezes grandes, mais forte se manifesta a acção do Espírito nos que seguem as suas inspirações. Com a oração, com a frequência dos sacramentos, com a docilidade plena ao Paráclito, superam-se todos os obstáculos.

4. Recordava-vos ao princípio que nos encontramos nesta Basílica como naquela *sala do andar de cima* de Jerusalém, reunidos em torno a Maria. Peçamos que interceda maternalmente pelo Santo Padre e por todos os bispos, pelos novos sacerdotes e suas famílias, por todos os sacerdotes e pelo povo de Deus. Faço minha a súplica do Papa numa cerimónia análoga, há poucas semanas. Dizia Bento XVI: “Rezemos para que cresça em cada paróquia e comunidade cristã a atenção pelas vocações e pela formação dos

sacerdotes: ela inicia na família, prossegue no seminário e inclui todos os que têm a solicitude pela salvação das almas” [12].

Que nunca falte esta urgente petição nas nossas orações de cada dia, de modo que o Paráclito – com a intercessão de Maria, Mãe dos sacerdotes – suscite muitos e santos ministros de Cristo na Igreja. Assim seja.

[1] *Act* 1, 14.

[2] Bento XVI, Discurso na Basílica do Santuário da Aparecida, 12-V-2007.

[3] Missa da Vigília do Pentecostes, Primeira leitura (*Joel* 3,1,.5).

[4] Missa da Vigília do Pentecostes, Segunda leitura (*Rom* 8, 23).

[5] *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 685-686.

[6] São Josemaría, *Cristo que passa*, n. 130.

[7] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 684.

[8] São Josemaría, *Carta aos sacerdotes*, 10-IV-1971.

[9] Missa da Vigília do Pentecostes, Evangelho (Jo 7, 37-38).

[10] São Josemaría, *Cristo que passa*, n. 130

[11] *Act* 2, 1-2.

[12] Bento XVI , Homilia numa ordenação sacerdotal, 29-IV-2007.